

Lula tem 19 pontos sobre Bolsonaro no 1º turno, diz pesquisa Datafolha

Cenário permanece estável apesar de crise política e econômica; petista derrota todos os rivais nas simulações da segunda rodada

Igor Gielow

SÃO PAULO Nova pesquisa do Datafolha mostra um cenário estável na corrida pela sucessão de Jair Bolsonaro (PL) em outubro. Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tem 19 pontos de vantagem sobre o presidente, marcando 47% de intenções de voto no primeiro turno. Bolsonaro tem 28%, seguido à distância por Ciro Gomes (PDT), com 8%. Dez outros candidatos se embolam, empatados tecnicamente, no pelotão dos que têm de 2% para baixo. A contagem regressiva de 100 dias para o pleito começa nesta sexta (24).

Nos votos válidos, Lula tem 53%. Para ganhar no primeiro turno, é necessário que o candidato some 50% dos votos válidos mais um. A votação será em 2 de outubro — o segundo turno está previsto para o dia 30 do mesmo mês.

Votos válidos são aqueles que excluem, no cômputo geral, os brancos e nulos. Sob essa métrica, que é a utilizada pela Justiça Eleitoral para a contagem final do pleito, Bolsonaro tem 32% e Ciro, 10%.

O Datafolha ouviu 2,556 eleitores em 181 cidades nos dias 22 e 23 de junho. A margem de erro da pesquisa, contratada pela Folha e registrada no Tribunal Superior Eleitoral sob o número 09088/2022, é de dois pontos para mais ou menos.

O cenário registrado é semelhante ao da pesquisa passada, realizada em 25 e 26 de maio, apesar da agudização da crise econômica e política envolvendo o governo federal.

Os pesquisadores do Datafolha foram a campo no mesmo dia em que emergiu a notícia de que o ex-ministro da Educação Milton Ribeiro havia sido preso, na quarta (22).

Aliado por quem Bolsonaro disse colocar "a carano fogo", ele protagoniza a apuração de um escândalo de corrupção, cujo combate é um dos pontos do discurso presidencial.

O elemento se somou ao embate entre o Planalto e a Petrobras acerca do reajuste dos preços de combustíveis e fatores como o assassinato de um indigenista e de um repórter na Amazônia.

Nesse sentido, a oscilação positiva de um ponto percentual pode ser até comemorada por aliados mais otimistas de Bolsonaro. Lula fez o caminho inverso, embora só tenha se notabilizado no período pela divulgação de um crítico plano de governo e por ter adicionado tropeços junto ao eleitorado conservador.

Ciro também oscilou, de 7% para 8%. Ele é seguido pelo grupo liderado numericamente pelo deputado André Janones (Avante-MG), com 2%.

Pior notícia colheita chamada terceira via, que depois das desistências de Sérgio Moro (União Brasil) e João Dória (PSDB), está encamada por ora no nome da senadora Simone Tebet (MDB).

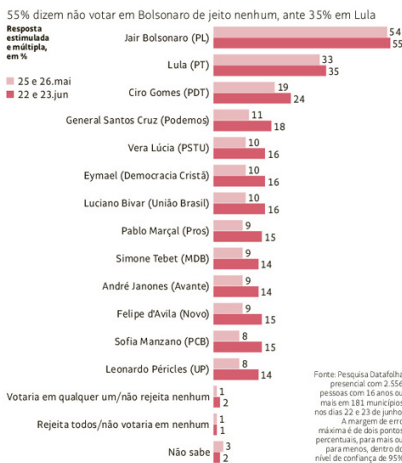
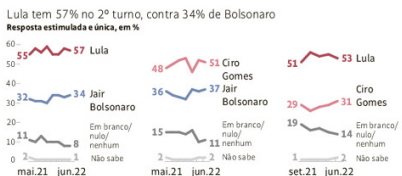
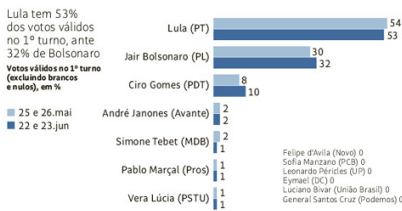
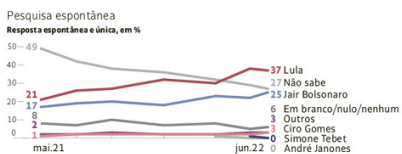
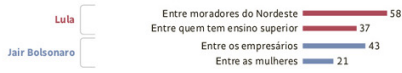
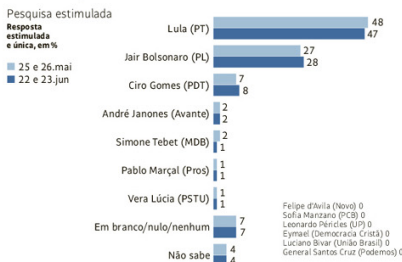
Mesmo com apoio de tuca nos e com sua rodada de inserções publicitárias, ela viu suas intenções de voto desde o fim de maio oscilarem negativamente de 2% para 1%.

Empatam numericamente com a senadora do MDB Vera Lúcia (PSTU) e Pablo Marçal (Pros).

Não pontuaram Sofia Manzano (PCB), Felipe d'Ávila (Novo), General Santos Cruz (Podemos), Luciano Bivar (União Brasil), Eymael (DC) e Leonardo Péricles (UP).

Continua na pág. A5

Lula tem 19 pontos sobre Bolsonaro no 1º turno



Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais em 181 municípios nos dias 22 e 23 de junho. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.

Continuação da pág. A4

Com isso, o cenário de polarização entre Lula e Bolsonaro se consolida ainda mais, fazendo crescer a percepção de que o eleitorado olha para a corrida como um segundo turno adiantado a esta altura da disputa.

Isso se vê na pesquisa espontânea, quando os entrevistados falam em quem vão votar sem serem estimulados por uma lista. Nela, Lula marcou 57% a 34%. Se o adversário de Lula numa segunda rodada for Ciro, o petista ganha por 53% a 31%.

O pedetista segue à frente de Bolsonaro no embate direto também, derrotando o presidente por 51% a 37% num eventual segundo turno.

O presidente segue com problemas de imagem. Conhecido por 96% dos brasileiros, Bolsonaro não recebe o voto de 55% eleitores de forma alguma. Ou seja, sua capacidade de melhoria de imagem é mais complicada, dado que a rejeição se dá em um ambiente de grande exposição do candidato neste momento.

Bolsonaro é mais rejeitado por desempregados (66% nunca votariam nele), pretos (63%), nordestinos (62%), estudantes (62%), mulheres (61%), católicos (61%), jovens (60%) e os mais pobres (60%). Líder da pesquisa, Lula registra altíssimo conhecimento também: 98%. Ele fica em segundo lugar no critério de recusa do eleitorado em apoiá-lo: 35% dizem que não o fariam de forma alguma.

Do ponto de vista de perfil do eleitorado, as tendências se mantiveram. Lula segue soberano no Nordeste, segunda região mais populosa com 27% de quem vai às urnas, onde derrota Bolsonaro por 58% a 19%.

Tem grande vantagem entre os mais jovens (54% a 24%), menos escolarizados (56% a 22%) e entre os mais pobres.

Nesse grupo, de quem ganha até dois salários mínimos e que compõe 52% da amostra populacional do Datafolha, Lula também vence o presidente por 56% a 22%, evidenciando a falta de alcance eleitoral até aqui de medidas do governo como o Auxílio Brasil.

No segmento evangélico (26% da população), Bolsonaro ampliou um pouco a vantagem e deixou o empate técnico, no limite, com Lula.

Não se sabe qual será o impacto no grupo do escândalo no MEC envolvendo Ribeiro, que é pastor, e outros religiosos. O presidente tem entre eles 40% (eram 39% em maio), ante 25% de Lula (eram 26%). Já entre católicos, 51% da população, o petista leva vantagem marcando 53%, ante 37% do presidente da República.

Bolsonaro vai melhor do que sua média entre os homens (36%, ante 44% de Lula) e entre aqueles que ganham mais: tem 44% no grupo com renda mensal de 5 a 10 mínimos e 47% entre os que ganham mais de 10 salários mínimos. Esses dois segmentos, contudo, são minoritários e somam 11% da população.

O presidente também mantém uma fortaleza no Centro-Oeste, região com 7% da população e forte presença do agronegócio na qual ele tem 40% de intenções de voto. No populoso Sudeste, lar de 42% dos brasileiros, Lula tem 43% e Bolsonaro, 29%.

Refletindo a crise, o petista tem grande liderança entre os desempregados (9% da amostra): 62%. Empresários, 4% dos ouvidos, dão uma intenção ao presidente de 43%.

Presidente é rejeitado por 47% e aprovado por 26%, diz instituto

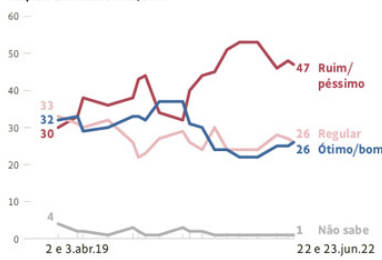
A reprovação ao governo de Jair Bolsonaro (PL) seguiu estável no fim de maio até agora, aponta pesquisa do Datafolha. Ele se mantém como o presidente eleito pior avaliado de a essa altura do mandato desde a redemocratização.

Segundo o instituto, Bolsonaro tem sua gestão rejeitada por 47%. Eram 48% em 25 de 26 de maio, na rodada anterior.

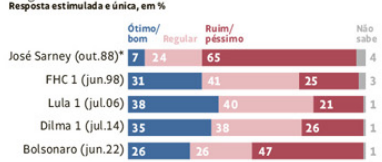
Aqueles que o acham regular oscilaram de 27% para 26% no período, enquanto quem o aprova com a avaliação de que faz um governo ótimo ou bom foram de 25% para 26%.

Governo Bolsonaro tem 47% de reprovação e 26% de aprovação

Resposta estimulada e única, em %



Comparação com outros presidentes em períodos similares de governo



*Pesquisa realizada em dez capitais. Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais em 181 municípios nos dias 22 e 23 de junho. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.

Ante a sucessão de problemas pelos quais o governo federal passa, o resultado quase não pode ser celebrado no Palácio do Planalto.

Isso dito, os números não são nada bons para o presidente. A rejeição à administração acompanha aquela registrada pelo pré-candidato a ficar no posto: 55% dizem que não votariam de jeito nenhum em Bolsonaro.

Na série histórica de seu governo, sua maior rejeição como governante foi de 53%, registrada em dezembro passado. Depois disso, caiu para o patamar atual e ficou, em três levantamentos seguidos. Sua aprovação máxima havia sido na virada do primeiro ano da pandemia, 2020, sob efeitos do auxílio emergencial da crise sanitária: 37% de ótimo/bom.

Entre os presidentes eleitos para o primeiro mandato que chegaram a três anos e seis meses de governo desde a eleição de 1989, a primeira após a ditadura (1964-85), Bolsonaro é o que colhe os piores números. Fernando Henrique Cardoso (PSDB) tinha 31% de aprovação e 25% de reprovação em junho de 1998; Luiz Inácio Lula da Silva (PT), rival de Bolsonaro em outubro, tinha 38% e 21%, respectivamente, em junho de 2006.

E Dilma Rousseff (PT) marcava 35% de ótimo/bom ante 26% de ruim/péssimo em junho de 2014. Todos esses três antecessores de Bolsonaro conseguiram se reeleger, embora Dilma tenha sofrido depois um impeachment em 2016.

Reprovam mais o governo os nordestinos, as mulheres e os mais pobres.

Presidente retém eleitor fiel, mas economia reduz janela para recuperação

Jair Bolsonaro dribla alta da inflação e mantém a estabilidade com avanço em segmentos mais ricos

ANÁLISE
Bruno Boghossian

BRASÍLIA Se os números da nova pesquisa do Datafolha mostram que não houve mudança significativa na corrida desde maio, é possível dizer que Jair Bolsonaro (PL) perdeu quatro semanas. A vantagem mantida em relação a Lula (PT) encolhe a janela de recuperação do presidente rumo à reeleição.

A estabilidade não ajuda o presidente, mas a resiliência diante de uma onda de más notícias mostra que ele ainda tem ativos eleitorais.

Apesar do cenário econômico adverso e do crescimento travado no numeroso grupo de brasileiros mais pobres, Bolsonaro segurou eleitores e ganhou terreno em alguns segmentos. Desde o fim do ano passado, sabiu mais de dez pontos percentuais em faixas de renda mais altas.

O retrato oferecido pela pesquisa sugere que, ao menos em alguns grupos, o presidente consegue driblar o mal-estar e o aumento de preços. Hipóteses para o comportamento são o impacto variado da inflação sobre diferentes faixas de renda e alguma dose de antipetismo.

Lula continua com um favoritismo incontestável, mantendo-se acima do patamar de 50% dos votos válidos que podem garantir uma vitória no primeiro turno —ainda que seja cedo para apontar essa possibilidade.

A chance, no entanto, pode ter feito sua vantagem recuar justamente em segmentos que manifestaram rejeição ao PT e impulsionaram Bolsonaro em 2018.

Além do crescimento entre os mais ricos, Bolsonaro reduziu a vantagem de Lula na região Sul de 17 para 7 pontos percentuais no último mês. Entre os homens, a diferença caiu de 15 para 8 pontos.

Essas variações não são suficientes para mudar o jogo, uma vez que Bolsonaro ainda sofre uma derrota por 56% a 20% para Lula no primeiro turno entre os brasileiros com renda de até dois salários mínimos —que são mais da metade do eleitorado.

Bolsonaro espera contar com a máquina pública para reverter esse quadro nos pró-

ximos 100 dias, ainda que tenham fracassado as últimas investidas para amenizar os prejuízos políticos causados pela economia.

Criado na virada de 2021 para 2022, o Auxílio Brasil de R\$ 400 foi parcialmente corido pela inflação e não rendeu dividendos eleitorais ao presidente. Entre os beneficiários do programa, Bolsonaro ainda perde para Lula no primeiro turno, por 59% a 20%.

Ainda assim, o desempenho geral de Bolsonaro pode ser explicada pelo fidelidade que alguns segmentos têm demonstrado ao presidente mesmo na adversidade.

As atitudes dos brasileiros mais ricos diante dos tropeços da economia entram nessa conta. Quanto maior a renda, menor é o peso da inflação de itens básicos, como alimentos e transportes —e maiores são o apoio ao presidente e a rejeição a Lula.

As fatias mais altas da pirâmide de renda deram impulso inicial à candidatura de Bolsonaro em 2018, mas tiveram sua relação abalada com o governo na pandemia e na demissão de Sérgio Moro.

O presidente recuperou terreno entre esses eleitores e se beneficiou da ausência de outros candidatos competitivos na disputa.

Desde dezembro, Bolsonaro desenhou uma trajetória de crescimento significativo na faixa de renda superior a cinco salários mínimos, que corresponde a pouco mais de um décimo do eleitorado.

No fim do ano passado, 31% desses eleitores declararam voto em Bolsonaro de forma espontânea —antes de ver uma cartela com os nomes dos candidatos. Esse índice subiu para 35% em maio e bateu 42% na nova pesquisa.

Além disso, o presidente busca driblar o mal-estar de alguns grupos com a economia. É o caso do eleitorado evangélico, que recebe aces frequentes para se manter ao lado de Bolsonaro.

O presidente transformou em rotina a participação em versões da Marcha para Jesus pelo país e vinculou com maior ênfase o PT a um programa de flexibilização do aborto e do uso de drogas.

O apelo ajuda Bolsonaro a alcançar alguns de seus melhores números entre os

evangélicos. Na simulação de primeiro turno, o presidente aparece com 40% das intenções de voto nesse grupo, contra 35% de Lula —um empate técnico, considerando a margem de erro.

Apesar do alívio, Bolsonaro continua muito distante do amplo favoritismo que teve entre os evangélicos na última campanha. São eleitores que pagam a conta do supermercado e precisam encher o tanque do carro de tempos em tempos.

A manutenção dos índices de Bolsonaro reduz ainda mais o tempo dos candidatos que sonham em conquistar votos nas raias da corrida posicionadas à direita, a chamada terceira via.

Além de ter conquistado territórios em que se concentra esse eleitorado potencial (Sul e os mais ricos), o presidente também consolidou seus votos um pouco mais. Desde maio, o percentual de entrevistados que citam o nome de Bolsonaro de forma espontânea no início da pesquisa passou de 22% para 25%.

O novo levantamento também repete os sinais de que uma larga faixa está disposta a votar em Lula para derrotar o presidente e vice-versa.

Entre os eleitores que se recusam a votar em Bolsonaro, 73% declaram voto no petista já no primeiro turno. No sentido inverso, o cenário é o mesmo: 70% dos entrevistados que rejeitam Lula dizem votar no atual presidente.

É cedo para dizer se o cenário eleitoral sentirá o impacto das suspeitas de corrupção no Ministério da Educação.

Embora os pesquisadores do Datafolha tenham ido a campo na quarta-feira (22), dia da prisão do ex-ministro Milton Ribeiro, a reação do eleitor a escândalos costuma variar à medida que os fatos decantam, as investigações se desdobram e os políticos ajustam o discurso.

Mesmo no terreno das especulações, vale lembrar que as revelações da CPI da Covid e acusações de propina na compra de vacinas não abalam de maneira significativa as intenções de voto em Bolsonaro. Mesmo que o eleitor se veja frustrado, uma boa parcela mantém a fidelidade ao presidente num cenário com poucas alternativas.

Campanha de Bolsonaro vê Datafolha com alívio e aposta em pacote social

BRASÍLIA Aliados do presidente Jair Bolsonaro (PL) receberam com alívio o resultado da pesquisa do Datafolha divulgada nesta quinta-feira (23), que mostrou estabilidade do mandatário.

Na avaliação de integrantes da campanha, os números poderiam ter vindo piores diante do aumento no preço dos combustíveis e da prisão de um ex-ministro do governo. O resultado, segundo esses aliados, mostra que Bolsonaro pode ter chegado a um piso no primeiro turno e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a um teto.

A maior preocupação do entorno do chefe do Executivo tem sido a crise econômica e a alta dos preços da gasolina e do diesel. Mas, como a Folha mostrou, o governo deve mudar o pacote de com-

busíveis que havia proposto para dar um incremento nos benefícios do Auxílio Brasil.

Aliados esperam que, diante do pacote reformulado de R\$ 1.000 de ajuda aos caminhoneiros, do aumento no vale-gás de um Auxílio Brasil de R\$ 600, Bolsonaro poderá voltar a subir nos levantamentos eleitorais.

O Planalto também acredita a estabilidade de Bolsonaro diante do reajuste dos combustíveis à estratégia de comunicação do governo —que, no caso, conseguiu transferir a responsabilidade e, de certa forma, vilanizar os executivos da Petrobras.

Na campanha petista, a avaliação é de que o Datafolha reflete o atual cenário econômico negativo, que breca o crescimento de Bolsonaro. A aposta no PT é que as pró-

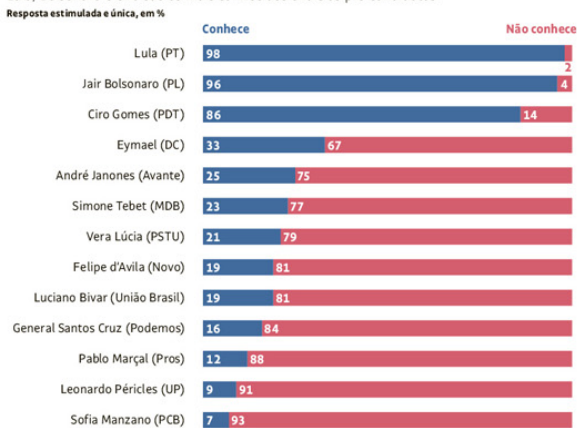
ximas semanas serão decisivas. Se as medidas econômicas não surtiram efeito, líderes petistas avaliam que Bolsonaro poderá desidratar e chegar ao piso de seu eleitorado, que, dizem, fica entre 20% a 25% da população.

O presidente do PDT, Ciro Lúpi, disse não ser impossível Ciro Gomes desbançar Bolsonaro e enfrentar Lula no segundo turno. Para ele, a prisão de Milton Ribeiro ainda não se refletiu na pesquisa.

Já o presidente do Cidadania, Roberto Freire, ministrou os números de Simone Tebet (MDB), candidata da coligação do seu partido com MDB e PSDB. Ele afirmou que ainda estão em "início de campanha". **Marianna Holanda, Renato Machado, Danielle Brant, Mathus Teixeira e Julia Chaib**

Conhecimento dos candidatos

Lula, Bolsonaro e Ciro são os mais conhecidos entre os pré-candidatos



Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais em 181 municípios nos dias 22 e 23 de junho. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4 e 5